

Economistas se dividem ao explicar crescimento

Beatrix Abreu

BRASÍLIA — O governo está diante de dois diagnósticos que explicam o inusitado crescimento da demanda e da produção industrial em um ano em que as autoridades econômicas apostavam na recessão e no desemprego. Os cenários são distintos e, mesmo dispondendo de uma análise de alta precisão, ninguém arrisca a dizer com quem está a verdade. O diagnóstico otimista considera a exacerbadação do consumo como um movimento natural de mera reposição de estoques. E o alarmista previne o governo de problemas futuros: a demanda crescente é fruto de uma atitude defensiva da população e dos agentes econômicos (comércio e indústria), que estariam trocando dinheiro por bens temendo um agravamento da crise econômica.

Neste cenário, que se confirmado provocará um efeito desastroso na economia, um outro ingrediente estaria animando setores produtivos a trocar as aplicações no overnight por novas máquinas, equipamentos e bens. As informações são de que este movimento se caracteriza pela expectativa de que o sucessor do presidente Sarney poderá alterar as regras do jogo e simplesmente "dar um calote na dívida interna", como expressou-se fonte importante da área econômica.

Estes segmentos empresariais, portanto, interpretam que, neste momento de incertezas, o melhor a fazer é destinar os recursos disponíveis a novos investimentos no seu empreendimento. "Ninguém confiscará uma máquina de uma indústria", sintetiza um técnico do governo, justificando a análise que é compartilhada por economistas do Instituto de Planejamento Econômico e Social (Inpes), vinculado ao Ministério do Planejamento.

Linha divisória — Não existe, portanto, uma posição firmada no governo sobre se a análise tida como otimista ou alarmista prevalecerá nos próximos três meses. "A economia está sob o fio da navalha. Pode ir para um lado ou para o outro com muita facilidade", admite o assessor especial do Ministério da Fazenda, Cláudio Adilson Gonçalez, demonstrando que a linha divisória entre a posição otimista e a alarmista "é muito tênue." Aposte, no entanto, que os dados de que dispõe são corretos e que o aumento do consumo, embora em níveis

acima do desejável a uma inflação estável, "não é explosivo".

Nenhum assessor nega que o aumento do consumo gera preocupação no governo e, mais de perto, ao ministro Mailson da Nóbrega, que conta a cada dia quanto os preços aumentaram. "Um consumo elevado homologa patamares mais elevados de inflação", como reconhece Gonçalez, que nas suas análises não desconsidera que as campanhas salariais no último trimestre — petroleiros, metalúrgicos e bancários —, com ganhos expressivos de salários, possam aquecer ainda mais o nível das vendas. Tem, porém, um dado em que insiste: o aumento do consumo só parece expressivo porque se tem como base o ano passado, que não foi bom para as vendas no comércio varejista.

A história do crescimento da demanda tem início entre março e maio deste ano, quando as vendas no comércio aceleram pela expectativa do descongelamento dos preços adotado em janeiro. Mesmo com as elevadas taxas de juros o consumo se ampliou até junho, quando foi iniciado um tímido processo de queda — em julho, as vendas cresceram 2,02%, mesmo índice que se espera para agosto. A partir deste mês, a retomada das vendas começou a preocupar as autoridades econômicas e poderá ser sustentada pelos ganhos salariais conquistados nos próximos dissídios trabalhistas.

O comportamento inesperado para a produção industrial também é explicado pelo assessor especial de Mailson da Nóbrega. "Trata-se da reposição de estoques, porque a produção industrial estava em queda desde o último quadrimestre de 88", sintetiza, apostando nos dados do IBGE que sinalizam um crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) de cerca de 1% este ano. Não compartilha, "neste momento", como fez questão de insistir, da análise dos economistas do Inpes, que tratam o crescimento da indústria como o temor da crise maior, a hiperinflação.

Nas reuniões de avaliação, no Ministério da Fazenda, tem-se utilizado um argumento que, segundo Cláudio Adilson, não é contestado por ninguém: se fosse verdade que os agentes econômicos estão trocando aplicações financeiras por bens, o governo estaria enfrentando dificuldades para colocação no mercado dos títulos da dívida pública e as cotações do mercado paralelo do dólar e do ouro teriam aumentado.